

(Continuação da página anterior)

O professor teve medo. Pôs-se a observar o teatro facial da tortura interior que parecia apertar aquêle rosto como uma turquês.

Nunca tinha visto um rosto com uma decisão tam descarada, com tanta vida, brutal, submissa, enérgica, desesperada.

E apertou os punhos como se fôsse defender-se. Bastava um sinal para que aquêles dois homens, ali sózinhos com a noite, se atirassem um sobre o outro.

Os olhos do camponês ardiam o ódio dum homem que vê o seu destino posto pelo azar nas mãos dum estranho. O professor teve medo. Aquela expressão dolorosa e aquêle homem dependiam duma palavra sua, não davam atenção mais do que a êle no mundo.

—O senhor nunca pediu uma esmola! Nem eu. E' a primeira. Nunca viu sua mãe a morrer de fome e a dizer que não quer nada, que lhe não apetece? Pois se ela sabe que não há nada que comer! A nossa mãe ter fome, doi. Mais do que se fôssemos nós!

As palavras saíam-lhe da bôca aos encontros e ficavam a saltar no silêncio como pélas de borracha.

Vitoriano envergonhou-se. Sentiu súbito um desejo enorme de abraçar aquêle homem rude e chamar-lhe—Meu Irmão. Lembrou que seria bom ficarem os dois juntos a chorar muito tempo uma desgraça comum. Terem nascido da mesma mãe, trabalharem juntos, andarem sempre os dois, na cava, ao mato, no jôgo do ferro, nos descantes. E não lembrou mais nada, como se a vida acabasse ali.

—Aqui tem—Estendeu-lhe na mão um pedaço de papel manchado.

Os olhos como pontas de navalhas luziram mais e magoaram-lhe a mão como se lha cortassem.

O camponês afundou rápidamente o papel num bolso; ao mesmo tempo desfez a expressão viva do rosto—e ficou com aquela cara boçal, os olhos agressivos, sem reconhecimento, como se lhe tivessem negado uma coisa que lhe deviam, há muito.

O sorriso de revolta de há momentos, tornou-se um desafio ofensivo.

O dinheiro separara aquêles dois homens, eram de novo dois inimigos.

Vitoriano quis aproximá-lo a si; iria com êle (desde que recebera o dinheiro mostrava uma irresistível pressa de ir-se).

Sairam os dois. Escuro. Os pés enterravam-se nos charcos invisíveis. O frio cortava como navalhas de barba.

Entraram: uma candeia baloiçando-se lambia com a lingua de luz amarela as paredes pretas. Coisas indefinidas pela casa, ora acesas, ora afogadas no preto; ao canto do fundo uma cama; na cama um corpo velho, a cara enrugada a assomar do cobertor de lã grossa e de buracos.

Era a Mãe.

O professor achava tudo isto novo, contente pela comunicação com aquelas vidas que sofriam tam perto da sua.

Quis ser amável, acarinhar a doente. Disse-lhe sentimentos cheios da sua alegria de ser útil, fazer bem ao próximo, dentro das frases banais, inexpressivas da amizade sentida.

E foi-se.

O camponês veio alumiar-lhe à porta, com um sorriso agradecido nos olhos tristes como os dos bois.

Ambos sentiram que naquêle sorriso se abraçavam.

O professor passou a noite em claro a pen-

sar nas vidas humildes dependentes de tão precária sorte—a morte dum burro. O burro para aquêle camponês era mais do que um irmão, era o pão de cada dia. Como os dois deviam ter sido amigos, a acariciarem-se logo de manhã, no darem os bons dias, a caminharem lado a lado, um a assobiar cantigas, o outro calado e orgulhoso, sabendo que levava sobre a albarda a alegria satisfeita duma casa com pão. Como os dois se deviam ter compreendido! Depois da mãe era o burro o mais íntimo amigo daquêle homem.

Logo que amanheceu voltou a casa do camponês; mandou vir o médico e remédios da vila para a doente. Quando ela melhorou passava tardes inteiras a ouvir-lhe contar histórias e cantares—a vida laboriosa dos Homens da Terra alongando-se pelo passado dentro. Sempre as mesmas lendas, o mesmo amor saudável posto em versos simples, a mesma alegria ruidosa das festas com foguetes—e acima disto tudo a preocupação torturante do Trabalho e da Terra, a defesa eterna do animal, o medo animal da Fome negra.

O camponês ao voltar à noite da geira, ia vê-lo a casa ainda de enxada ao ombro. Aos domingos passeavam os dois pela aldeia, conversavam com todos (falava-se das colheitas e do tempo), beijavam as crianças ranhosas ao colo das mães. Conheceu a vida de tôdas as famílias; as suas alegrias, as suas tristezas, alegravam-no, entristeciam-no.

Só então atentou nas crianças. Sabia as mi-sérias e as fomes de cada uma na casa preta, perguntava-lhes se o irmãozinho, se a vaca castanha, estavam melhores.

Ao contemplar de longe, à tarde, a aldeia fumegante do fumo das ceias, distinguia, no montão de casas acavaladas, o lar de cada amigo, imaginava as mulheres a correr em volta das panelas, o cheiro salgado das sardinhas a assar nas brasas, e o bom sorriso franco que alaga pelos rostos quando o marido, o pai, entra em casa e diz atirando a enxada, a aguilhada para um canto—boas noites.

Um dia, era feriado, foi com um camponês cavar a hortinça. Depois de estar sentado, depois de acompanhar de costas direitas, o camponês dobrado, a continuarem a interminável conversa, apeteceu-lhe pegar na enxada. Era um apetite casual, a necessidade física de esvaziar energia, e um secreto desejo de apalpar a Terra.

A Alegria encheu-o.

O bafo forte da Terra, vibrou nos seus músculos um poema duro de Energia, soprou-lhe nos olhos o frio agudo do ventre aberto da terra fresca, cantou-lhe nos ouvidos um brado de utilidade e de comunhão com os milhões de milhões que cavavam a terra, naquela posição, de sol a sol, e se desfazem em podridões pacíficas no seu ventre; que têm os braços tenros infantis, que não de nascer da indecisão dos séculos para darem a Fôrça dos seus corpos em Trabalho duro à Terra fecunda—assassina e mãe.

A Dor do Trabalho, o seu baptismo da Terra entrou nos seus versos—já não versos líricos com amores abstratos—berros rijos a cantar o esforço de viver.

A alegria robusta de ser Util.

A vida trabalhadora e valente do Povo da Terra.

Vitoriano, sem ter resolvido nem sentido, começara.

Não foi um génio.

Mas foi mais—um Homem.